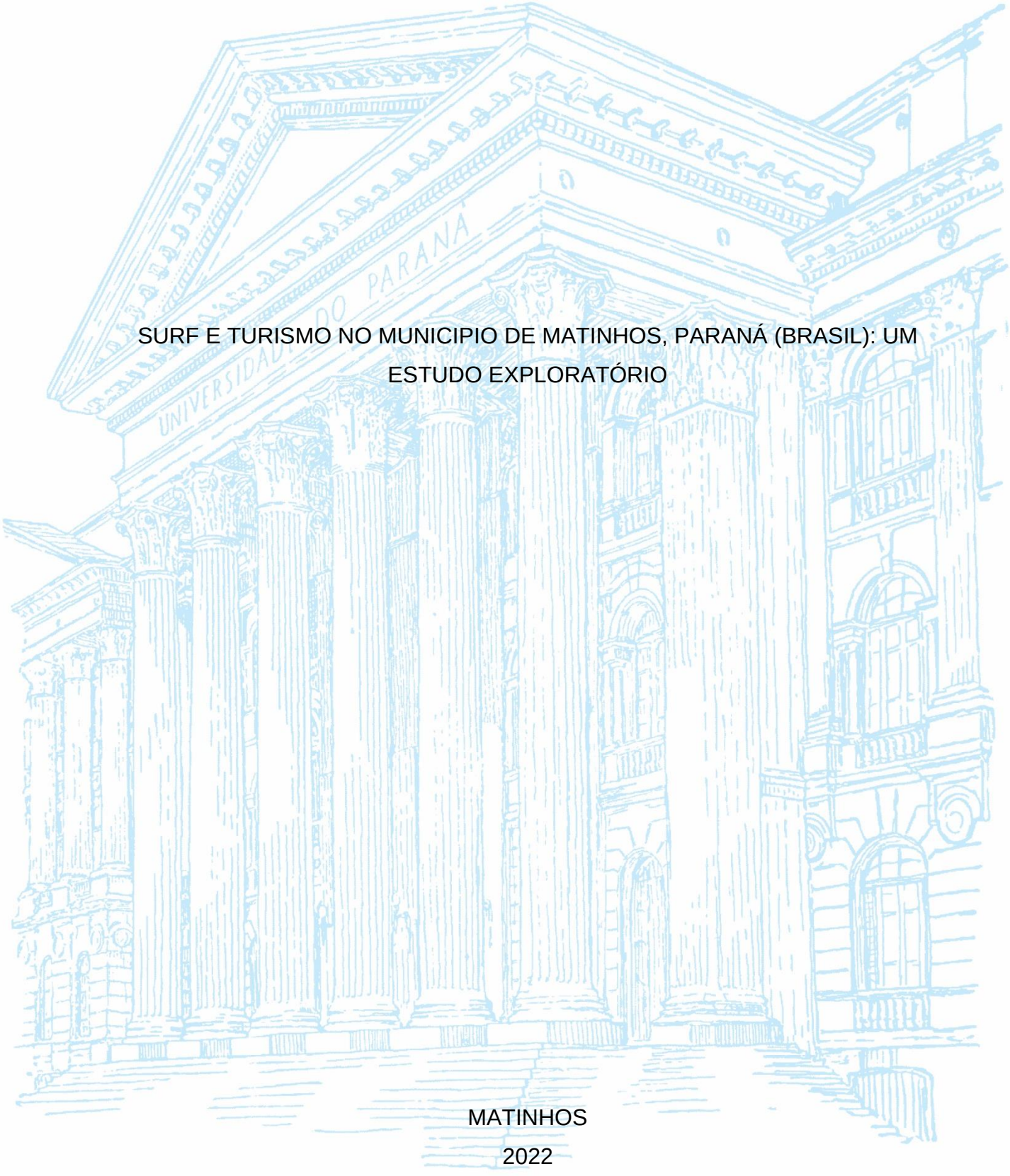
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ISADORA MENDES COSTA



SURF E TURISMO NO MUNICIPIO DE MATINHOS, PARANÁ (BRASIL): UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

MATINHOS

2022

ISADORA MENDES COSTA

SURF E TURISMO NO MUNICIPIO DE MATINHOS, PARANÁ (BRASIL): UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral como requisito parcial à obtenção do título de Tecnólogo em Gestão de Turismo no curso de graduação em Tecnologia em Gestão de Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Luiz Filippim

MATINHOS

2022

Mantenha essa página em branco para inclusão do termo/folha de aprovação assinado e digitalizado.

Dedico esse trabalho a natureza e seus fenômenos a qual sou apaixonada! A força presente nos orixás que me fortaleceram durante a investigação. Ao meu filho, ao meu companheiro de jornada e toda a família que me apoiou nessa caminhada. Por último e não menos importante a cidade que resido: Matinhos.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros sentimentos de gratidão a todos que de alguma forma colaboraram para a realização desse trabalho, seja pelas conversas ou elucidações pertinentes. Com isso meu agradecimento fica ao meu companheiro de jornada, o surfista a qual mais admiro, que compartilhou comigo toda sua sabedoria a respeito do universo do surf, as longas conversas, relatos de viagem e apoio na escolha do tema.

Ao meu professor e orientador Dr. Marcos Luiz Filippim pela sua imensurável colaboração, ensinamentos, e paciência durante o processo de pesquisa e pela sua fé na realização dessa pesquisa no tempo hábil que tínhamos!

A todos os meus professores por todos os ensinamentos e aos amigos que ajudaram de alguma forma com muito apoio!

Ìbìnù kó sè ohúnkóhùn ìwà sùúrù nì ohù gbògbò

Aqueles que têm paciência conquistam tudo.

(Corpo literário de IFA, provérbio da cultura Yoruba)

RESUMO

O surf é um dos esportes mais populares e praticados no mundo. Com milhões de praticantes, uma mega indústria, e possibilidade de as mais diversas regiões costeiras estarem aptas a receber surfistas. Com isso verificou-se que o turismo está intrínseco ao surf, e que viajar faz parte de quem pratica o esporte. Desse modo o município de Matinhos no litoral do Paraná é conhecido no universo do surf pelas “boas ondas”. A presente pesquisa objetivou conhecer o desenvolvimento do surf a nível global, suas relações com o Turismo com enfoque no município de Matinhos. Utilizou-se como metodologia a pesquisa de caráter exploratório, com delineamento bibliográfico e documental, diante das lacunas existentes entre o esporte e o turismo. Como estratégia complementar também foram feitos registros fotográficos e visitas *in loco*. Conforme os resultados encontrados observou-se que o início da exploração turística do esporte caminhou junto ao novo status da praia, hotéis temáticos exaltando a cultura exótica havaiana no início do século XX. Esse desenvolvimento do esporte ocorreu juntamente com o processo de turistificação do mesmo, isso inclui a espetacularização por meio de um processo midiático; através de filmes como Endless Summer; da música como Beach Boys; por fim o uso da fotografia nas revistas especializadas e suas matérias jornalísticas, essas últimas consideradas os maiores propulsores do ideário e a necessidade de viajar em busca da onda perfeita. No município de Matinhos, o local mais frequentado para o surf é o Pico de Matinhos, a atividade turística está presente e a cidade obtêm escolas de surf, lojas de roupas (*Surf Wear*), locais para guardar as pranchas etc. As características principais encontradas sobre os visitantes surfistas foram: a maioria é do gênero masculino, tem pouco tempo para viajar e apresentam condições financeiras elevadas e apresentaram ter uma consciência ambiental diferenciada dos demais perfis turísticos.

Palavras-chave: Surf. Turismo. Turismo de Surf. Matinhos. Picos de surf.

ABSTRACT

Surfing is one of the most popular and practiced sports in the world. With millions of practitioners, a mega industry, and the possibility of the most diverse coastal regions being able to receive surfers. With this, it was verified that tourism is intrinsic to surfing, and that traveling is part of those who practice the sport. Thus, the municipality of Matinhos on the coast of Paraná is known in the world of surfing for the "good waves", the present research aimed to know the development of surfing at a global level, its relations with Tourism with a focus on the municipality of Matinhos. Exploratory, bibliographic and documentary research was used as a methodology in view of the gaps between sport and tourism, as a complementary strategy, photographic records and on-site visits were also made. According to the results found, it was observed that the beginning of the touristization of the sport walked along with the new status of the beach, themed hotels extolling the exotic Hawaiian culture at the beginning of the 20th century. This development of the sport occurred together with the touristification process of the same, this includes the spectacularization through a mediatic process; through films like Endless Summer; music like the Beach Boys; finally, the use of photography in specialized magazines and their journalistic articles, the latter considered the main drivers of ideas and the need to travel in search of the perfect wave. In the municipality of Matinhos, the most frequented place for surfing is Pico de Matinhos, tourist activity is present and the city has surf schools, clothing stores (Surf Wear), places to store boards, etc. The main characteristics found about surfer visitors were: most are male, have little time to travel and have high financial conditions and showed a different environmental awareness from other tourist profiles.

Keywords: Surf. Tourism. Surf Tourism. Matinhos. Surf peaks.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - PESCADOR PERUANO EM SEU *CABALLITO DE TOTORA*, NA REGIÃO DE HUANCHACO 22

FIGURA 2 - TRIÂNGULO DA POLINÉSIA 23

FIGURA 3 - HOTEL MOANA SURF RIDER NA PRAIA DE WAIKIKI, OAHO EM 1910 25

FIGURA 4 - REVISTA POPULAR MECHANICS, COM MANUAL PARA CONSTRUÇÃO DA PRANCHA HAVAIANA 30

FIGURA 5 - TOMAS RITTSCHER SURFANDO EM SANTOS NA DÉCADA DE 1930 31

FIGURA 6 - PÍER DE IPANEMA, 1973 32

FIGURA 7 - CAPA DA REVISTA VEJA NA DÉCADA DE 70 33

FIGURA 8 - TOWN-IN: GARRETT MCNAMARA REBOCA ALEX BOTELHO EM ONDA GIGANTE EM NAZARÉ, PORTUGAL 36

FIGURA 9 - CAPA DA REVISTA HARD CORE ED. 308 JULHO/2015, A MATÉRIA EM DESTAQUE CITA A VIAGEM DOS SONHOS EM TERRAS BRASILEIRAS 37

FIGURA 10 - ANÚNCIO DA EXCURSÃO 44

FIGURA 11 - MAPA DO MUNICÍPIO DE MATINHOS – PR 47

FIGURA 12 - SURFISTAS AGUARDAM NO *POINT BREAK* O MELHOR MOMENTO PARA ENTRAR NO MAR, UM DIA CLÁSSICO DE *SWELL*. 48

FIGURA 13 - ATLETA PARANAENSE JIHAD KHODR DEMONSTRA A BASE DOS PÉS NA POSIÇÃO *REGULAR*, ENQUANTO SURFA “UMA DIREITA” NO PICO DE MATINHOS. 49

FIGURA 14 - SURFISTA APANHA ONDA NAS DIREITAS DO PICO DE MATINHOS EM UM DIA DE *SWELL*, O FUNDO DE FORMAÇÕES ROCHOSAS OU “LAJE DE PEDRA” CONTRIBUI PARA A FORMAÇÃO DA ONDA. 50

FIGURA 15 - MIRANTE DO PICO DE MATINHOS, VISTA PARA A SERRA DA PRATA E O PARQUE NACIONAL DO SAINT HILAIRE LANGE 51

FIGURA 16 - PRAIA BRAVA DE MATINHOS EM UM DIA DE “BOAS ONDAS”. 52

GLOSSÁRIO

Considerando a ocorrência de uma terminologia singular no universo do surf, optou-se como estratégia complementar, pela criação de um glossário para melhor contextualização, já que a cultura do surf desenvolveu termos próprios muito difundidos entre os surfistas e bem conhecidos por eles. O anglicismo presente nos termos deriva de o surf se popularizar primeiramente em maior escala nos EUA.

Beach Break: Fundo de areia onde se formam as ondas para o surf.

Crowd: termo utilizado para expressar um pico de surf lotado de surfistas.

Filmmakers: cinegrafistas.

Freesurfers: surfistas que não competem.

Goofy: surfista que utiliza o pé direito na frente em cima da prancha.

Grommts: termo utilizado para referir crianças e adolescentes que são prodígios no surf.

Haole: nome dado aos surfistas “forasteiros”, palavra de origem havaiana era usada pelos nativos havaianos para identificar os colonizadores.

Leash: corda utilizada para prender o surfista a prancha.

Point Break: Fundo de laje ou formação rochosa onde se forma e quebra a onda.

Reef Break: Bancada ou fundo de coral onde a onda quebra.

Regular: surfista que utiliza o pé esquerdo na frente em cima da prancha.

Spot/ hotspot: termo utilizado para designar o nome de um lugar onde se pratica o surf.

Surfwear: vestuário e moda surf.

Surfari: nome dado a viagem que os surfistas fazem em busca de boas ondas.

Surf Trips: nome dado as viagens feitas com objetivo de surfar.

Surfbreaks ou spots: locais ou regiões com ondas surfáveis.

Town-in: modalidade de ondas grandes na qual o surfista é rebocado por um condutor de motoaquática.

Swell/ swells: Ondulações que chegam à praia formadas por tempestades no oceano.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 16
1.1 OBJETIVOS 19
1.1.1 Objetivo geral 19
1.1.2 Objetivos específicos 19
2 REVISÃO DA LITERATURA 21
2.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO SURF 21
2.1.1 GÊNESE DO SURF 23
2.1.2 POPULARIZAÇÃO DO SURF NA SOCIEDADE MODERNA 24
2.2 CONTRIBUIÇÃO BRASILEIRA NA HISTÓRIA DO SURF 30
3 METODOLOGIA 39
4 RESULTADOS 41
4.1 TURISMO DE SURF 41
4.2 O SURF NA CIDADE DE MATINHOS: “A MELHOR DIREITA DO BRASIL” 46
5 CONSIDERAÇOES FINAIS 54
REFERÊNCIAS 56

1 INTRODUÇÃO

O surf é na atualidade um dos esportes mais praticados no mundo. O Brasil é o segundo com maior número de praticantes e seu desenvolvimento está intrínseco ao desenvolvimento do turismo no último século. A indústria do Surf é composta também pelo *trade* do turismo, e as viagens fazem parte da vida dos surfistas, com isso todo local que estiver apto a receber boas ondas pode conhecer como a atividade influencia e impacta essas comunidades.

A presente pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de conhecer o universo do surf no município de Matinhos e sua relação com o Turismo. Dentro da temática do surf, optou-se pela escolha de conhecer e criar substrato para outras investigações acerca da atividade turística do surf, esporte que tem a capacidade de interagir com os mais diversos âmbitos. Uma lacuna sobre seu desenvolvimento e influências no turismo deixa clara a urgência de conhecer o fenômeno não somente na cidade de Matinhos, mas em todo o Brasil, além de estabelecer um conhecimento sobre esses surfistas/turistas.

Matinhos é cercado pelo Oceano Atlântico, e é celeiro de novos talentos no esporte, as ondas do Pico de Matinhos são conhecidas entre os praticantes pela longa extensão e pelas características peculiares do fundo produzidas sob uma formação rochosa.

Cabe reiterar que poucos estudos avaliam os efeitos ou impactos do surf nas regiões da costa brasileira, com isso pretende-se colaborar com a temática, trazendo mais informações a ser discutidas em futuras pesquisas para aperfeiçoamento e desenvolvimento do turismo na esfera pública e privada.

O surf é um esporte com valores culturais e possui símbolos e uma linguagem própria, esses termos estão todos contidos em um glossário e oportunamente serão retomados durante o texto para melhor contextualização.

O município de Matinhos localizado ao sul do litoral paranaense sendo banhado pelo Oceano Atlântico é um dos sete municípios que compõem o litoral do Paraná e dentre eles é o mais conhecido pelos surfistas. A prática do surf pode ser realizada durante todo o ano, no verão é mais comum ver muitas pessoas aprendendo a surfar com instrutores, já nos meses frios a costa fica mais exposta a eventos climáticos o que ocasiona na formação de ondulações (*swells*) excelentes para a

prática do esporte. Nessa ótica o surf se torna um segmento alternativo pois gera um movimento de visitantes em época contrária ao principal indutor econômico da cidade: Turismo de Sol e Praia, o qual provoca nos meses quentes um *boom* de visitação e depois uma queda abissal no número de visitantes nos meses frios.

O pico de Matinhos é o local (*spot; surfbreak*) mais conhecido, sua onda formada a partir de uma laje de pedra cria um cenário de alto valor paisagístico, conhecida como uma das melhores "*direitas*"[1] do Brasil, induz vários surfistas a procurarem por essa experiência. O município também é um celeiro de talentos, muitos atletas profissionais desenvolveram suas habilidades nessa desejada onda e levaram o nome de Matinhos para todo o mundo através dos campeonatos internacionais e uma lista de vitórias e títulos. O Pico e a cidade contam com escolas de surf, em alguns dias fotógrafos e *filmmakers*, lojas de pranchas, guardearias e roupas (*Surf Wear*).

O Turismo como fenômeno de ação humana tem em suas principais características o deslocamento de um polo emissor para um receptivo, e algumas variações quanto sua definição e conceitos são encontradas nas mais diversas obras, como cita Lohmann e Panosso Neto (2012)

> O termo turismo se relaciona de perto com os termos hospitalidade, recreação, entretenimento, lazer, mobilidade, deslocamento; mas é do termo "viagem" que está mais próximo, sendo, muitas vezes, os dois empregados sem uma definição clara, tendo, inclusive, conotações diferentes em diversas partes do mundo (LOHMANN e PANOSSO NETTO, 2012, p. 92-93).

Ou ainda pela definição da OMT (Organização Mundial do Turismo):

> O turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras (OMT, 2001, p. 38).

Sendo assim o surf dispõe de todas essas aptidões pois os surfistas visitantes necessitam se deslocar até o local da prática tendo contato com a cultura local que

---

[1] "Direitas": ou direita é o nome dado às ondas que durante a prática do surf fluem nesse sentido. A perspectiva é do surfista para praia, indicando sua direção. Para quem olha da praia o movimento fica para a esquerda. Surfistas que têm sua base dos pés em cima da prancha sob esse desígnio são chamados de *Regular*. Os surfistas que têm suas bases voltadas para a direção da esquerda são chamados de *Goofy* e têm maior facilidade em surfar para as ondas de "esquerda".

também pratica o esporte, muitas vezes podem pernoitar ou apenas passar o dia. Descrever o olhar do visitante exige um levantamento de qual tipo de viagem está sendo realizada no local escolhido para pesquisa, assim sucessivamente entender qual fenômeno está ocorrendo e quais os seus impactos na comunidade local. O turismo tem sido fomentador econômico de muitas cidades, e em nichos diferentes de motivações o Surf aparece como indutor do desenvolvimento sustentável (SEBRAE,2015)

Com isso o surf e o surfista têm um importante papel na formação do turismo, determinação de segmentos de mercado, principalmente no Brasil, pois em muitos casos o surf promoveu o turismo, produzindo turistas para diversos destinos e o surfista vem diariamente fazendo o turismo já que sua busca pelas ondas é incessante (ALCÂNTARA; MATIAS; ARAÚJO, 2012).

Diante do cenário atual o Surf se encontra na posição mais privilegiada desde a sua popularização, é um dos esportes mais praticados do mundo, com uma estimativa[2] de 3,7 milhões de surfistas e se tornou um esporte Olímpico, além de movimentar o mercado nacional e internacional (SEBRAE,2016). Para entender a dimensão e grandiosidade que o esporte alcançou estima-se que o mercado do Surf movimente no Brasil cerca de U$ 4 Bilhões por ano, e que existam cerca de 3 mil empresas relacionadas ao esporte (SEBRAE,2015).

Esse panorama se mostrou propício ao desenvolvimento do esporte por diversos fatores, um deles foi a conquista do primeiro campeonato mundial pelo brasileiro Gabriel Medina em 2014, o que resultou em um *boom* no esporte, popularizando o surf entre os brasileiros, outro fator importante é a vasta costa marítima com diversas praias com possibilidade para surfar (SEBRAE,2015). O Brasil se destaca no esporte conquistando os títulos mundiais em 2014 (Gabriel Medina), 2015 (Adriano de Souza, o “mineirinho”), 2018 (Gabriel Medina), 2019 (Ítalo Ferreira) e 2021 (Gabriel Medina), se tornando a maior potência mundial do esporte. Com um número alto de atletas brasileiros na categoria da elite profissional, estes ficaram conhecidos como *Braziliam Storm,* que consiste em uma equipe de atletas com um alto desempenho no ranking mundial. O Brasil obteve a primeira medalha olímpica da história do esporte, a medalha de ouro foi conquistada pelo campeão mundial Ítalo

---

[2] Disponível em : Ouro de Ítalo Ferreira consolida domínio nacional no surfe, que tem 3,7 milhões de praticantes no Brasil – IBOPE Repucom

Ferreira nas Olimpíadas de Tóquio 2020, que foram realizadas somente em 2021, em razão da pandemia de COVID-19.

No Paraná a cultura do surf desponta na década de 1990, mesmo sendo praticado desde a década de 60. Com a institucionalização e profissionalização da modalidade recém-olímpica, os anos 90 a cultura surfista Paranaense influenciou os brasileiros por quebrar diversos recordes com o surfista profissional Peterson Rosa, ganhador de 3 títulos nacionais, foi o surfista mais jovem a ganhar esse tipo de premiação, seus feitos inspiraram jovens a praticarem o esporte, além de ter sido homenageado com um monumento no Pico de Matinhos, o qual o próprio surfista considera como uma das melhores ondas do Brasil. Seus feitos sociais se estenderam a um projeto educacional denominado Ondas do Saber, que ensina crianças no contraturno escolar a surfarem, e prospecta novos talentos para o cenário esportivo brasileiro. (PEREIRA,2015)

1.1 OBJETIVOS

O presente estudo propôs conhecer os principais aspectos do Surf, sua história a nível global com enfoque no município de Matinhos - Litoral do Paraná, e a interação com o Turismo.

1.1.1 Objetivo geral

Objetifica-se com essa pesquisa conhecer o universo do surf no município de Matinhos. Assim também espera-se levantar pontos relevantes da história do esporte, como se desenvolveu na sociedade e como se relaciona com a atividade turística.

1.1.2 Objetivos específicos

Conhecer a história e desenvolvimento do Surf a nível internacional, nacional e por fim no município de Matinhos.

Descobrir e apresentar as relações entre surf e turismo.

Descrever as características do surf em Matinhos.

Não obstante, para a realização desse estudo optou-se pela pesquisa exploratória, bibliográfica e documental, com uma abordagem quantitativa que será apresentada em capítulo posterior. A presente pesquisa está organizada da seguinte maneira: Iremos conhecer a trajetória do Surf, desde seus primórdios até os dias atuais. Logo em seguida é apresentado com detalhes a metodologia adotada. Por seguinte, discorre sobre as principais relações do Surf e Turismo, trazendo aspectos e informações de outras regiões. Após esta etapa a pesquisa ocupa-se em trazer os principais aspectos da prática do surf no município de Matinhos, assim como suas características geográficas que o tornam um lugar singular. Na parte final são apresentadas as conclusões da pesquisa.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo iremos acompanhar a trajetória do surf, começando pela sua origem nas sociedades primitivas, entendendo seu processo de evolução até se tornar um esporte. Concomitante a esses acontecimentos o turismo fica evidenciado como fator intrinsecamente ligado a esse desenvolvimento, divulgação e espetacularização do desporto e das regiões litorâneas aptas à modalidade. Também iremos abordar a contribuição do Brasil na história do surf e mais adiante a presente pesquisa se dedica a discorrer sobre o surf no município de Matinhos, as definições de turismo de surf e as relações entre o esporte e as atividades turísticas.

2.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO SURF

O desporto contém em sua essência uma mutabilidade de seu carácter natural passando por uma gama de diferentes associações: religiosa, organização social, competitiva, profissionalização, institucionalização e comercialização. A sua origem é marcada por mistérios e várias narrativas apontam para os mais distintos pontos da terra, como também há milhares de anos data a sua existência (RIBEIRO 2003). Contar a jornada do Surf é mostrar como uma atividade sofreu as mais variadas influências dentro do processo histórico civilizatório, principalmente em dado momento quando se choca com um fenômeno social em crescimento: o Turismo; aliado a outros fatores o esporte toma proporções inimagináveis, tornando-se atualmente um esporte Olímpico e com milhões de praticantes, possivelmente turistas algum dia, durante a insanável procura pelas ondas.

A gênese do esporte para Ribeiro (2003) é um apanhado de teorias com várias vertentes históricas cada uma delas indica se iniciar em sociedades primitivas. Algumas remontam há 2000 A.C, embora não se obtenha um consenso sobre o início do esporte alguns autores (FINNEY, 1996, KAMPION; LUEIRAS, 1984 citado por Ribeiro, 2003) revelam que o surf se inicia como diversão – como brincadeira para as crianças polinésias e como transporte por navegadores e pescadores (também de outras etnias) para chegar até a praia. Também como cunho religioso, a tábua e/ou prancha era usada para rituais religiosos para as divindades, esses povos tinham uma relação com o mar avançada, pois a troca era constante.

Alguns indícios da gênese do surf remetem a sociedades ágrafas, e sociedades tribais do Pacífico Sul, que realizaram com maior intensidade a prática. Conhecidos como polinésios, esse povo demonstrava ter pelo surf uma conotação religio-social (RIBEIRO, 2003, p. 20). O ato de deslizar sobre as ondas estava presente também em outras regiões marítimas, como na África Ocidental (Senegal e Gana) e no Peru[3] com os *cabalitos de totora* (o uso dessa espécie de "canoa" data há pelo menos 3000 atrás ou mais) (FIGURA 1).

FIGURA 1 – Pescador peruano em seu *caballito de totora*, na região de HuanChaco.

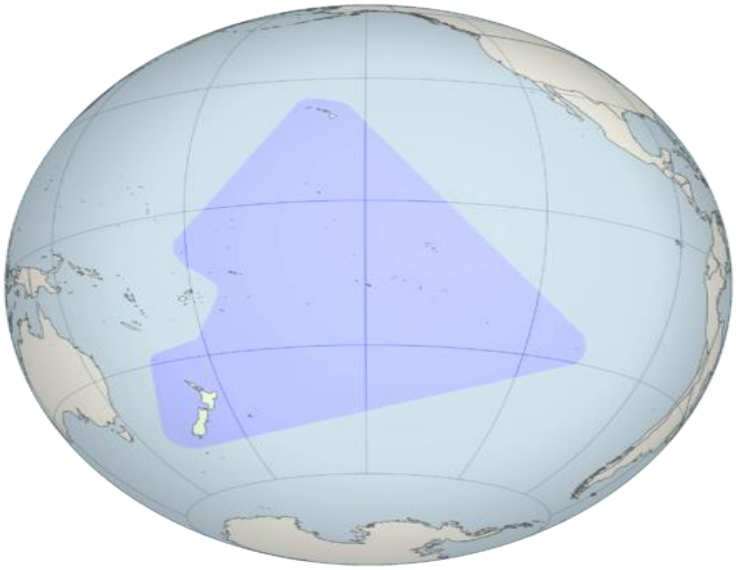
Fonte: Enciclopedia do surf (2019)

Entretanto Finney (1996, apud Ribeiro) complementa que apesar da atividade existir nessas sociedades, ela só vem se desenvolver de modo expressivo na Polinésia (Pacífico Sul), resultante de sua localização geográfica a qual concentra a maior região de ilhas do planeta (FIGURA 2), sendo assim desenvolveu-se uma "cultura marítima peculiar" (RIBEIRO, 2003, p.21) que incorporava as forças da natureza, principalmente as ondas.

FIGURA 2 – Triângulo da polinésia.

---

[3] Zevallos, 2016. Entrevista com o professor e pesquisador sobre a obra "Mar y Olas – Rito y Deporte". 09 de março de 2016. Podcast.



Fonte: site *waves.com* (2019)

2.1.1 GÊNESE DO SURF

Durante a expansão marítima das sociedades tribais polinésias (taitianos e samoanos) às terras havaianas, desenvolveu-se com maior profundidade a cultura, simbologias, a organização social e religiosa (REBELO; CARVALHINHO, 2012, RIBEIRO, 2003). Para Ribeiro (2003) a prática do surf encontrou maior expressão na cultura havaiana, pois esses tinham a característica de terem uma sinergia com o mar, navegar era muito comum para aquela sociedade, seu território é formado por diversas ilhotas, o que contribuiu para esse desenvolvimento. Assim o surf também ganhou um sentido religioso para essa cultura, as forças da natureza eram vistas como deuses, principalmente as ondas, que seria esse termômetro do humor dessas divindades (RIBEIRO, 2003).

Antes de o Surf ser “descoberto” e relatado pelo Capitão inglês James Cook, o esporte tinha outro significado: o *he’enalo*, que na linguagem havaiana seria o ato de deslizar sobre as ondas, seu significado está ligado à manifestação da religiosidade, para essa cultura a atividade era praticada como forma de comunicação com o mundo espiritual e seus deuses.

Entre as mais diversas histórias e teorias sobre a gênese do esporte a mais relevante é a cultura havaiana como matriz do surf moderno, é de longe a cultura que mais atribuiu simbologias e significados a esse ato de deslizar sobre as ondas. O surf

ganha aqui uma importância como base de toda a relação do povo havaiano, o surf rege a organização social, e religiosa, as manifestações sexuais e disputas de poder (territoriais) (KAMPION; apud RIBEIRO, 2003). Essa prática chamada de *He'enalo* como explica Ribeiro (2003) as ondas e as pranchas regiam as regras da antiga sociedade havaiana, as pranchas tinham um caráter de regulador social, existiam diferentes tipos para cada casta social.

Nesse sentido, Ribeiro (2003) explica que existiam sobretudo três tipos de pranchas: as *Paipos* eram utilizadas por toda a sociedade havaiana, as *Alaias* destinadas aos havaianos comuns e as *Olos* confeccionadas exclusivamente para uso da realeza havaiana. Como o surf tinha na cultura havaiana uma forte conotação competitiva, lembrando que segundo Ribeiro (2003), havia disputa entre as realezas por território em determinadas praias, e essas eram proibidas as outras "castas", essa invasão de estrangeiros nas "praias reais" foi marcada por um dialeto que é usado até hoje como linguagem simbólica entre os surfistas, o termo *Haole* significa estrangeiro ou homem branco sem o sopro da vida, e foi muito usado entre os nativos havaianos, principalmente com o estabelecimento de novos colonos no arquipélago.

Em 1778 a cultura havaiana passa por uma profunda transformação, a chegada do Capitão inglês James Cook, o qual comandava uma frota de dois navios europeus, foi o primeiro a relatar o surf em seus diários de viagem, nele Cook conta sobre pessoas que deslizavam as ondas com um pedaço de madeira e da extrema sensação de bem-estar desses indivíduos. Após a descoberta das ilhas havaianas iniciou um período que instaura a colonização e exploração da ilha, uma significativa mudança que transformou sua base social cultural e quase há extinguiu, alguns poucos nativos que se isolaram dos recém-colonos conseguiu preservar sua cultura, então assim manter e passar a diante os costumes havaianos (RIBEIRO, 2003).

2.1.2 POPULARIZAÇÃO DO SURF NA SOCIEDADE MODERNA

No fim do século XIX, precisamente em 1898, Kamehameha anexou o arquipélago havaiano ao território dos Estados Unidos, segundo o historiador Laderman (2014, apud Fortes, 2017) em seu livro intitulado *Empire of Waves: Political*

History of Surfing[4], o qual define como “golpe de estado” esse movimento de anexação, que culminou numa nova era no Havaí. A partir daí o processo de urbanização do espaço territorial se iniciou. Relacionado ao turismo a construção do primeiro empreendimento hoteleiro foi na praia de *Waikiki* em *Honolulu*, *Oaho*. O *Moana Surfrider Hotel* inaugurado 1901, opera desde então e já passou por diversas obras de modernização, além de uma ampliação. É considerado patrimônio histórico nos EUA.

FIGURA 3 – Hotel Moana Surf Rider na praia de Waikiki, Oaho em 1910.

Fonte: *HawaiiMagazine.com,* 2016.

Após o Moana, outros hotéis foram construídos, em grande maioria usavam a imagem do surf como atrativo, para Ribeiro (2003, p. 37) a organização do espaço urbano foi impulsionada pelo turismo e a absorção do surf como atividade de lazer, concomitante com esse planejamento, que resultou nos primeiros grupos identitários. Nessa perspectiva alguns grupos de surfistas se organizaram, os primeiros foram o *Outrigger Canoe and Surf Club*[5] *(1915),* o qual era composto em grande maioria por

---

[4] Na obra, o autor Scott Laderman, comenta sobre a influência do surf na política, majoritariamente da perspectiva das políticas externas do EUA (Fortes, 2017)

[5] Disponível em: https://www.outriggercanoeclub.com

norte-americanos ou europeus. A criação do *Club* foi atribuída a Alexander Ford e ao escritor romancista Jack London, que usou da cultura havaiana, principalmente o surf como base de seus enredos, e ajudou a divulgar o estilo de vida havaiano pelo mundo.

Desde a colonização os havaianos eram discriminados, o que os forçou a formarem um clube havaiano apenas para nativos, intitulado como *Hui Nalu*, era um movimento de resistência, e um de seus participantes mais notórios era Duke Kahanamoku, considerado como “pai do surf moderno”, era um exímio nadador, dava aulas de surf e natação no *Moana Hotel*, sua descendência contida na realeza havaiana lhe acrescentou destaque, ainda mais quando participou de diversas provas de natação até as provas olímpicas. Duke participou de três Olimpíadas Mundiais (1912, 1920, 1924) totalizando três medalhas de ouro e duas de prata. Não obstante, o medalhista trabalhou em diversos filmes hollywoodianos para ajudar no seu sustento, o atleta teve dificuldades financeiras. Durante o auge de sua múltipla carreira, ajudou a divulgar o surf, foi o primeiro a introduzir o esporte na Austrália durante uma apresentação quando participava de uma prova de natação. O “pai do surf moderno” também criava suas próprias pranchas.

Concomitante a esses acontecimentos, o turismo na época em constante expansão, aumentou a demanda por pranchas mais leves e acessíveis às pessoas. Tom Blake (também introduziu as quilhas posteriormente, que atribuía à condição de manobrar a prancha), foi importante nesse processo, o aviador estadunidense desenvolveu uma prancha que continha traços das antigas pranchas da realeza havaiana e eram mais leves. Essa criação ganhou um manual e foi publicado em uma revista (P*opular Mecanichs*), a qual na época também foi usada por jovens brasileiros, como veremos a seguir.

Com isso Blake colaborou para que vários jovens usassem suas garagens para a fabricação de suas pranchas principalmente na Califórnia entre as décadas de 1920, 1930 e 1940.

Ressaltando os principais acontecimentos das décadas seguintes que colaboraram para o desenvolvimento do esporte, incluiremos os avanços tecnológicos na fabricação de pranchas, acessórios, papel da mídia como divulgador e indutor do turismo para esses leitores.

Logo após a II Guerra Mundial, uma grande mudança ocorre no cenário do surf, antes as pranchas feitas de madeiras eram consideradas pesadas, esse anseio colaborou em que Hobie Alter e Gordon Clark criassem uma prancha com um material

inovador e leve, o poliuretano que é um bloco de espuma que recebe um acabamento em fibra de vidro, utilizado até hoje em grande maioria nas confecções de pranchas (existindo atualmente outros materiais). Esse material facilitou a fabricação e tornou a vida do surfista mais fácil dentro da água. Bob Simmons um engenheiro e surfista fascinado em hidrodinâmica foi contribuinte na evolução das pranchas quando em 1946 utilizou madeira e fibra de vidro, sendo percursor nesse sentido (GORAYEB, 2003; RIBEIRO, 2003). Outro ponto importante é a criação do *leash* (cordinha que prende o equipamento ao surfista) em 1971, que possibilitou ao surfista realizar manobras sem perder sua prancha durante o surf (REBELO; CARVALHINHO, 2012, p. 16). Agora o surfista estava "preso" a sua prancha, podendo executar mais manobras. Além disso, Jack O'neill em sua valorosa contribuição criou uma roupa de *neoprene* (*wet suit, sleeve*, e/ou roupa de borracha) em 1952, que possibilitou realizar o surf em águas geladas.

Todas essas facilidades colaboram para a popularização da modalidade, adjunto a esses acontecimentos Bitencourt et al. (2006) explica, que o surf revolucionou os esportes radicais, pois incorporou valores, passando a ser um grupo identitário que culminou em uma cultura própria, repleta de simbologias e significados determinando assim um estilo de vida (*life style*). Para Bitencourt et al. (2006, p.3) "O passo seguinte foi a criação de vínculos com o turismo, uma vertente hoje em plena expansão em escala mundial [...]", em especial o ecoturismo "[...] que está associado à prática esportiva" (BITENCOURT et al. 2005).

A primeira revista especializada em conteúdo sobre o surf surge em 1960 a Surfer (GORAYEB,2003, FORTES,2011). As revistas esportivas fomentaram a divulgação das marcas, o desejo de viajar em busca de ondas desconhecidas, aventuras, além de ser um espaço de debate e diálogo sobre temas, polêmicas, assuntos, notícias e tendências, e é claro, tudo relacionado ao mundo do surf. Podendo considerar a fotografia como importante ferramenta de promoção e espetacularização do esporte esteve presente como registro dessas experiências. O uso da fotografia ajudou a criar uma "caixa tanque" para que fosse possível o uso do equipamento dentro da água a fim de buscar novos ângulos para registro, transmitindo a emoção.

A profissionalização dentre as mais diversas criações de associações e entidades reguladoras, segundo Souza (2013) veio de fato acontecer em 1982 com a ASP (*Association of Surfing Professionals*), que é a entidade responsável por realizar

o circuito mundial. No circuito mundial (masculino e feminino) ocorrem duas divisões o WCT (*World Championship Tour*) que é a elite do surf profissional, e o WQS (*World Qualifying Series*) que representa a divisão de acesso ao WCT. As duas divisões realizam algumas etapas do campeonato no Brasil, discutidos brevemente adiante.

Nas décadas de 1980 e 1990 Kampion; Brown (1998, apud Ribeiro 2003 p.57-59) conta que as verdadeiras expedições, onde um grupo seleto de surfistas e fotógrafos viaja ao redor do mundo em busca de ondas perfeitas em verdadeiros paraísos ecológicos se inicia com as revistas. Sem dúvida os chamados *surfaris/ surf trips* contribuíram para, além da espetacularização do desporto, a sua mundialização na década de 1990. As marcas se tornaram mais lucrativas, ampliando o patrocínio no sentido profissional, contudo durante essa ampla divulgação o surf se massificou, e resultou em um dos temas mais polêmicos entre os surfistas: o *Crowd,* essa "epidemia" do esporte pelas praias do mundo, principalmente em lugares com grandes contingentes de turistas, é conhecida como uma "lotação" de surfistas na água. O que ocorre é que muitas vezes nesses locais se dá uma disputa territorial pelas ondas, como explica Booth (2015), um localismo que muitas vezes pode acabar terminando em violência. Essa é uma parte que impacta o lazer no esporte, para Booth (2015) em alguns lugares do mundo existe uma espécie de "pressão" na água, há mais surfistas do que ondas "surfáveis", o que pode acabar impossibilitando a prática e sua diversão.

Na década de 90 o aumento da modalidade Town-in (surf em ondas grandes, que necessita o uso de moto aquática para se realizar a entrada e o surfe na onda) atraiu muitos brasileiros, a espetacularização, além de grandes prêmios patrocinado pelas grandes empresas do Surf Wear, ampliou o nível de radicalização. Também no início dos anos 1990, precisamente em 1992, o icônico Kelly Slater ganha seu primeiro título mundial, o atleta tem em seu portfólio nada menos do que 11 títulos mundiais que arrematou durante duas décadas, é considerado o maior surfista de todos os tempos (SOUZA, 2013). Slater revolucionou sua geração pelo seu estilo de surf, atualmente o consagrado atleta também trabalha em projetos para construção de piscinas de ondas artificiais[6], o *Surf Ranch* é seu primeiro projeto e fica localizado no interior da Califórnia, especificamente numa área rural.

---

[6] Kelly Slater Wave Company: Kelly Slater planeja construir maior onda artificial do mundo - ISTOÉ Independente (istoe.com.br)

O surf certamente passou por muitas influências, a primeira advém do cuidado e sensibilidade pela natureza, característica enraizada pelos costumes havaianos até sua massificação de consumo, estimulado por um mercado altamente globalizado e presente em muitos países no mundo. É importante relembrar, a questão da territorialidade, fato muito marcante na história primitiva do surf e presente na sociedade atual. O *he'enalo* demonstrava a hierarquização das relações dos havaianos súditos com a realeza e chefes tribais, um exemplo disso eram as "praias reais" sendo elas proibidas aos demais súditos. Nesse aspecto a influência aqui se dá por meio de uma competitividade dentro da água pela melhor onda. Para Booth (2015) uma rivalidade entre "nativos e visitantes" é comum, mas não preponderante nos picos de surf. Alguns países ou até mesmo praias tem um modo diferente de lidar com a *Crowd*, dependendo da cultura as reações podem oscilar no quesito hospitalidade.

Chegando no séc. XXI o Surf passa a ser um dos esportes radicais mais conhecidos no mundo e o esporte mais praticado na água (BITENCOURT et al, 2005). O surf também vem sendo um dos poucos esportes em que o Brasil tem tido notoriedade mundial, destacando-se por ter ganhado diversos títulos mundiais nos últimos anos e por manter um número considerável de atletas em disputa nos campeonatos WCT e WQS, e até mesmo nas categorias júnior e feminina (as quais ainda tem uma menor visibilidade e/ou participação).

O desenvolvimento de tecnologias tem melhorado a experiência do surfista, seja ele profissional, ou praticante livre. Grandes novidades surgiram nos últimos anos, roupas de *neoprene*[7] mais adaptáveis ao corpo durante o esporte, pranchas de materiais diferenciados, algumas mais resistentes e outras com materiais biodegradáveis (o atleta Kelly Slater segue na vanguarda de pesquisa e produção nesse tipo de prancha). Mas, a grande tendência do esporte aponta para as piscinas de ondas artificiais, esses projetos estão em expansão em vários países (Brasil, Austrália, Inglaterra, Espanha e Coreia do Sul). Esses complexos aquáticos podem ser uma alternativa para diminuir o *Crowd* nos picos de Surf enquanto o esporte demonstra significativa expansão e cada vez mais adeptos. Nesse sentido esses empreendimentos também fomentam o turismo, podendo se tornar um grande atrativo, principalmente em regiões distantes do litoral.

---

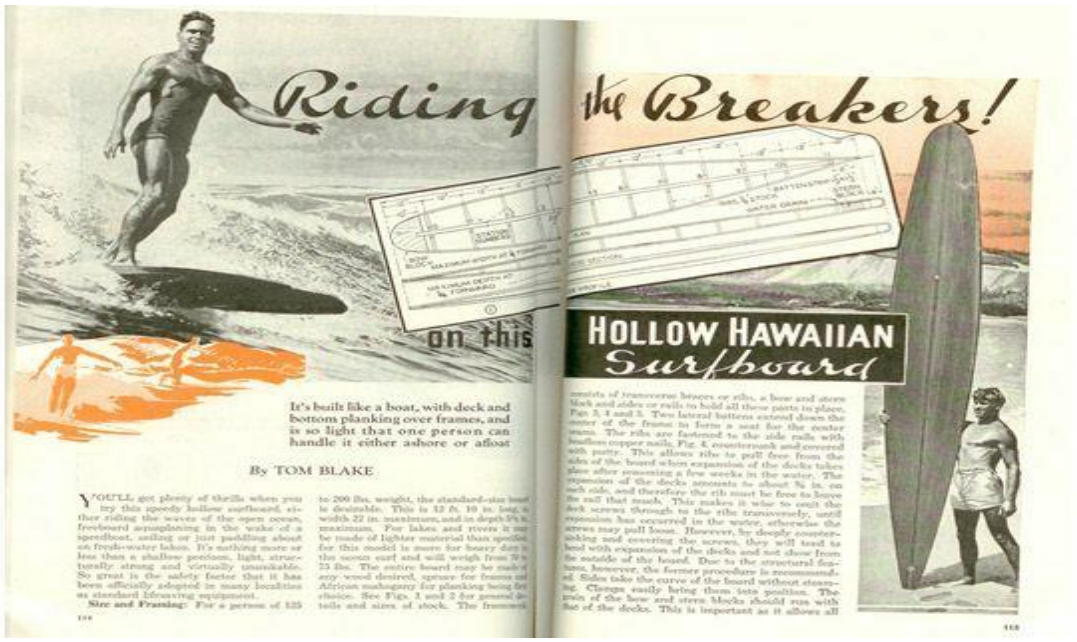
[7] Neoprene: nome dado ao tecido de borracha, que é uma roupa utilizada para surfar em água gelada.

A grande mudança no cenário do surf foi seu reconhecimento como esporte olímpico, o que ocorreu em 2016. Com isso ampliou-se o alcance do esporte, que agora olímpico recebe sua devida valorização e seriedade em respeito à carreira e profissionalização devida de seus atletas. A primeira participação da modalidade ocorreu nos Jogos Olímpicos de Tóquio-2020, o ganhador da primeira medalha de ouro da história foi o brasileiro Ítalo Ferreira.

2.2 CONTRIBUIÇÃO BRASILEIRA NA HISTÓRIA DO SURF

Certamente um país que expandiu seu protagonismo na história do surf foi o Brasil. A contribuição na linha do tempo se inicia há muitos anos em Santos com Osmar e Tomas Rittscher. Pioneiros no esporte cada um carrega uma versão sobre serem os primeiros a surfarem em águas brasileiras. Em 1940 o pai de Osmar trouxe uma revista de viagem chamada *Popular Mechnics* (FIGURA 4), como vimos anteriormente, a revista estadunidense trazia um manual para confeccionar sua própria prancha de madeira, Osmar e outros amigos se juntaram na missão de fazer a primeira prancha brasileira.

FIGURA 4 - Revista *Popular Mechanics*, com manual para construção da prancha havaiana.



Fonte: Arquivo: waves.com

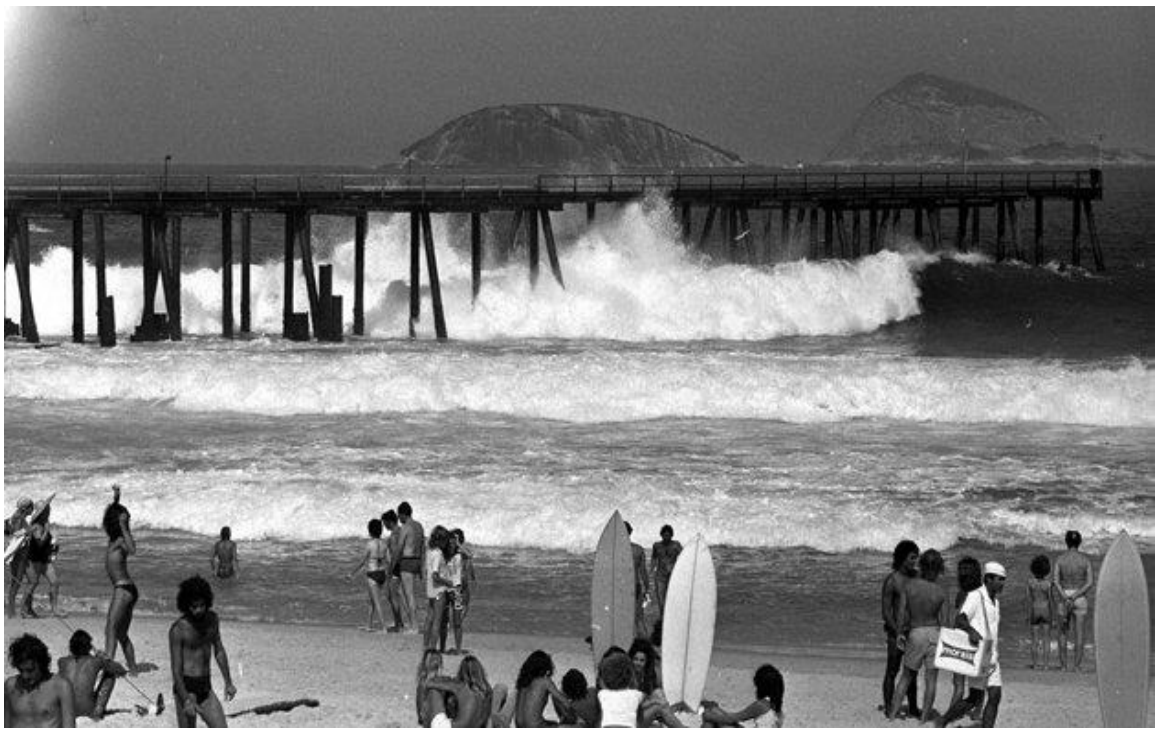
O americano naturalizado brasileiro Thomas Rittscher afirma ser o primeiro a deslizar nas ondas brasileiras, foi em Santos, litoral paulista seu primeiro registro (FIGURA 5). Rittscher também afirma que na verdade a revista usada por Osmar era dele e tinha emprestado ao amigo Osmar. (RIBEIRO, 2003; ALONSO, 2013).

FIGURA 5 - Tomas Rittscher surfando em Santos na década de 1930.

Fonte: waves.com

Enquanto isso timidamente o Surf também se desenvolve no Rio de janeiro, a cidade portuária recebeu até o fim da II Guerra Mundial, alguns militares norte-americanos e outros marinheiros estrangeiros que praticavam o “surf” em colchões de ar nas ondas cariocas, já chamavam a atenção dos frequentadores. Mais tarde com o aumento do fluxo turístico no Rio de Janeiro, considerado como [...]” cartão postal” [...]e influenciado pelo novo ideário da praia, muito veiculado ao “estilo de vida californiano” comumente comercializado pela mídia através de filmes. As orlas passam a serem frequentados pelos jovens, tornando-se ponto de encontro de diversas “subculturas” ou “contraculturas” da época, começando pelo arpoador e o píer de Ipanema (FIGURA 6); os anos 1960 e 1970 marcaram a primeira geração de surfistas que marcaram presença na época.

FIGURA 6 - Píer de Ipanema, 1973

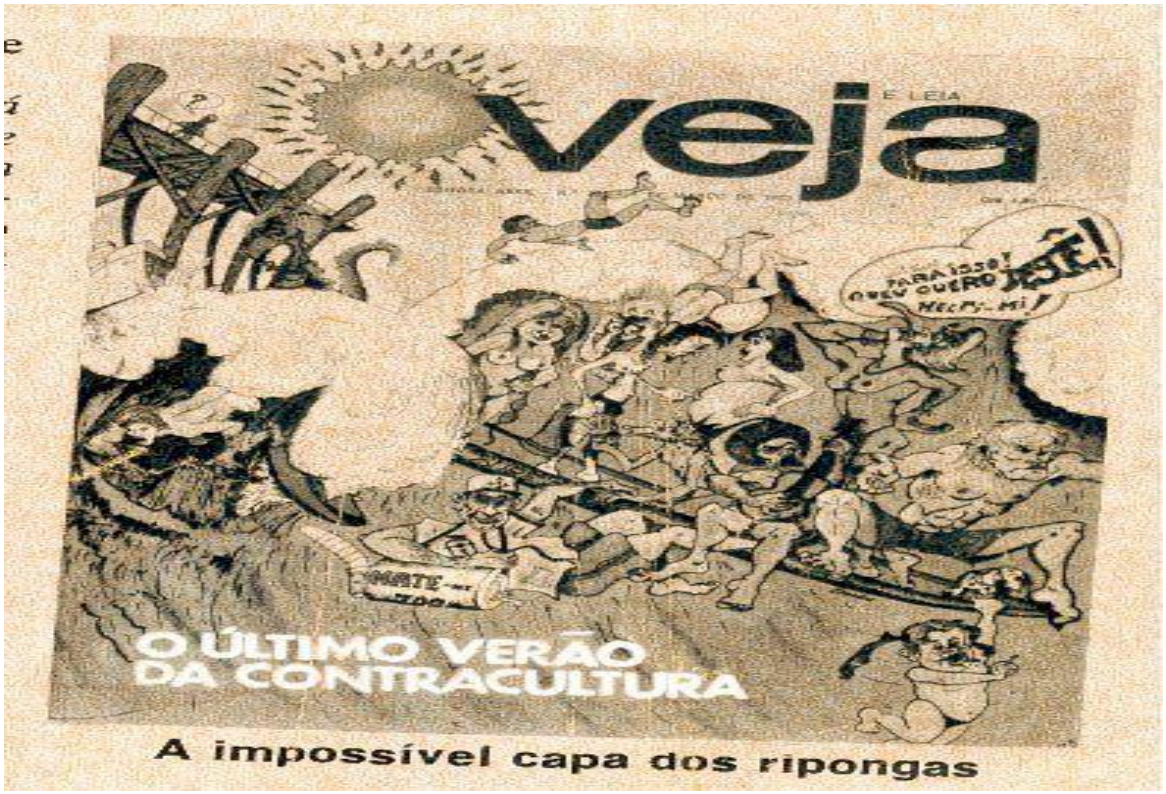


Fonte: Arquivo – Agência O Globo

A influência do novo status positivo que a praia ganha, ainda não é tudo. Durante as obras de saneamento da praia de Ipanema a areia dragada possibilitou criar dunas que serviram de “muro” para seus frequentadores e quem estava na praia ficava invisível para quem passava pela beira mar, essa mesma dragagem modificou o fundo de areia, deixando perfeita para a formação de ondas, rapidamente os surfistas cariocas ocuparam aquele espaço. Entre 1974/1975 após o término das obras o Píer de Ipanema é demolido (FIGURA 7). Outros lugares também viram o desenvolvimento da prática de maneira mais expressiva, como o litoral de São Paulo, Santa Catarina, Paraná.

O panorama em que vivia a sociedade brasileira na década de 1970 era de transição, a política (marcada pela ditadura), a economia (em expansão, mas sem amenizar as diferenças sociais), novos valores culturais, que refletiram para a ocupação daquele espaço por jovens com novos ideais, que resultaria na primeira tribo (subcultura) retratada como “contracultura”. (RIBEIRO, 2003)

FIGURA 7 - Capa da revista Veja na década de 70.



Fonte: Acervo do portal Píer de Ipanema. Curadoria: Fernando “Fedoca” Lima.

Um dos primeiros surfistas a viajar o mundo em busca de ondas foi Peter Troy, que chegou ao Brasil em 1964 especificamente no Rio de Janeiro. Foi muito requisitado por programas televisivos, rádios, revistas e até pelo governo carioca, na época Peter utilizava uma prancha de bloco de espuma com resina, suas manobras chamaram a atenção dos jovens. O surfista ajudou Irencyr Brandão na confecção de pranchas. O viajante registrou suas experiências no Brasil em um diário de viagem o qual cedeu alguns trechos que segundo Ribeiro (2003) foi publicado na revista brasileira de surf *FLUIR:*

> ’Queridos pai e mãe, com o término dos passeios a lugares turísticos, e sendo o próximo dia domingo, pensei que um dia relaxando na praia de Copacabana vendo o talento local e dando um mergulho ou outro entre banhos de sol, seria uma boa maneira de passar o dia. Até agora eu não havia percebido que havia ondas, ou que o ato de surfar fosse conhecido aqui, e enquanto eu estava cruzando a rua a caminho da praia, fui de certa maneira surpreendido ao ver dois brasileiros jovens lá na praia com pranchas de surf (estas pranchas eram mais ou menos versões estendidas das nossas ‘pranchas de passar roupa’, que os ‘caipiras’ usam com o bico virado para cima, com a exceção que elas têm 9 pés, uma quilha e algum volume e definição de shape). Então eu me aproximei desses rapazes com a ideia de emprestar uma dessas pranchas e, após uma conversação dificultosa, eles conseguiram me explicar que aqui nessa parte da praia, eles não podiam surfar (devido as condições do mar, ondas grandes e longas, e de pranchas que inviabilizavam manobras) (...) Nós então caminhamos até o final da praia, entramos por algumas ruas centrais (...) e ao redor de uma esquina podia ser avistada uma ponta de pedra acomodada ao final de uma longa praia com bastante atividade – carros, garotos e garotas, dúzias de pranchas de surf, barracas de cachorro-quente, pescadores nas pedras, barracas de Coca-Cola, algodão-doce, guardas de praia, ambulâncias, carrões, patrulha marítima e surf.’ (RIBEIRO,2003. P x)

Sendo assim a comercialização de pranchas e as novas tecnologias de fabricação são um marco importante. Como a prancha é instrumento vital do esporte, discorrer sobre sua evolução é necessário para melhor entendimento e contextualização entre o desenvolvimento do esporte, tecnologias, e fomento do turismo. Com isso no Brasil as primeiras atividades ligadas à fabricação foram entre 1968 e 1972, as pranchas de poliuretano mais leveis e ágeis foram idealizadas por José Freire Parreiras Horta que licenciou com a *Gordon Clark* os blocos de espuma. José Parreiras produziu centenas de *Surf Boards*[8] e deteve o monopólio brasileiro por anos. o crescimento de fábricas de pranchas ajudou o processo de popularização em vários estados brasileiros, tornando-se mais acessível a mais camadas sociais.

Nos anos 1980 o surf volta a crescer, mais tardiamente que na California (foi nos anos 1960 o primeiro *boom* e massificação do esporte nos EUA), por aqui, vários fatores contribuíram para a expansão do esporte, o primeiro deles era a expansão da economia brasileira, que durante os anos 1980 experimentou de uma política desenvolvimentista, que fomentou numa sociedade mais estratificada economicamente, criando novas camadas, a classe média, trabalhava, tinha férias e fazia turismo, as praias viraram sinônimo de bem-estar, influência também do sonho californiano, fortemente vendido pelas mídias comerciais. Outro fator não menos

---

[8] Termo utilizado como parte do nome da marca por muitos fabricantes de pranchas. Ex. Chanel Island Surf Boards, Pró-Ilha Surf Boards, Lost Surfboards.

leniente, é que a tecnologia tinha se tornado mais popular em relação às pranchas, a fabricação de pranchas se tornou um bom negócio e com a chegada da espuma no mercado revolucionou o cenário. A institucionalização do esporte junto à profissionalização foi um marco para o esporte.

Durante a década de 1980 podemos destacar alguns eventos, primeiros campões, e a criação de associações institucionalizadas. Com a absorção da cultura surfista também na esfera sociopolítica surgem novos patrocinadores (nacionais e internacionais) que constituem agora um apoio financeiro no novo cenário institucionalizado, ocorrendo assim um aumento expressivo no tamanho dos eventos e do número de participantes (atletas e telespectadores) e nas premiações. Em 1988 ocorre o surgimento da ABRASP (associação brasileira de surf profissional), construída nos moldes internacionais como o da ASP (Association of Surf Professional) que permitia a internacionalização do Surf brasileiro. O primeiro grande campeonato internacional *Waimea 5000* foi em 1976 no Rio de Janeiro-RJ nas praias do Arpoador. (BITENCOURT et Al., 2005)

Com a institucionalização do esporte a nível nacional, algumas associações estaduais e municipais também foram criadas. Destaque para AUS (associação de Surf de Ubatuba) a primeira dentro de grupo a ser fundada e ter seu estatuto em 1988. Criada na década de 1990 a APS (Associação Paranaense de Surf) também colaborou para o desenvolvimento da profissionalização.

Nos anos 1990 o aumento da modalidade *town-in* que é o surf em ondas grandes, que necessita o uso de motoaquática (FIGURA 8) atraiu muitos brasileiros com a espetacularização, além de grandes prêmios patrocinados pelas grandes empresas *do Surf Wear* e de outros segmentos ampliou-se o nível de radicalização. As filmagens e as fotografias foram cruciais durante esse período como registro e divulgação dos mais diversos tipos de surf. (GORAYEB,2003; RIBEIRO 2003) A primeira brasileira a surfar de *Town-in* e segunda mulher no mundo foi Debora Farah[9] no Havaí, a atleta quebrou paradigmas e incentivou o surf em ondas grandes entre as mulheres. Farah morreu prematuramente em 2001 durante uma sessão de surf em Maresias, litoral norte de São Paulo, o incidente ficou pouco esclarecido sendo um mistério por se tratar de uma atleta com tamanha experiência. FIGURA 8 – Town-in: Garrett McNamara reboca Alex Botelho em onda gigante em Nazaré, Portugal.

[9] Disponível em: Na onda de Deborah - Tpm (uol.com.br). Acesso em: 25 de fev. de 2022.

Fonte: site swell-algarve.com, registro de Jorge Figueira, 2016.

No decorrer dos anos 2000 o Brasil inicia os primeiros ensaios de uma geração que mudaria o rumo do esporte. As viagens patrocinadas dos *freesurfers,* que consiste *no* movimento turístico em busca de lugares para a prática do surf, ou numa visão cultural e motivacional: em busca da “onda perfeita”, agregou maior número de praticantes, os filmes das marcas de surf e registros das viagens de atletas e *freesurfers* fortaleceram a relação do turismo e surf. Promovidos pela mídia que se modificou ao longo dos anos, sendo primeiramente explorada pela mídia impressa como as revistas Hard Core (FIGURA 9), Fluir e Almasurf que ajudou a fomentar o turismo de surf em diversas regiões litorâneas ao redor do mundo. (FORTES, 2011)

O surf brasileiro sempre se destacou internacionalmente, no fim dos anos 1990 e início dos anos 2000, muitos nomes se destacaram e fizeram história com suas habilidades na prancha, os irmãos Padaratz, os paranaenses Jihad Khodr e Peterson Rosa, no surf feminino a atleta Bruna Schmitz marcou uma geração de novas atletas. Amparados pelo legado deixado no Brasil os novos talentos começam a despontar, Adriano de Souza, mais tarde campeão mundial é o mais velho da nova geração popularmente conhecida como *Braziliam Storm*, com Gabriel Medina, Felipe Toledo, Jadson André, Miguel Pupo, Itálo Ferreira e Wiggoly Dantas.

FIGURA 9 – Capa da revista Hard Core ed. 308 julho/2015, a matéria em destaque cita a viagem dos sonhos em terras brasileiras.

Fonte: Acervo digital revista Hard Core.

A tecnologia das piscinas de ondas[10] artificiais veio para revolucionar o esporte, com elas surfistas podem experienciar[11] ondas tubulares perfeitas para todas as direções, além disso contribui para o desenvolvimento de técnicas e habilidades com a prancha. As piscinas são uma alternativa tendo em vista que quanto mais surfistas houver, mais lugares irá necessitar. No Brasil dois empreendimentos com essas piscinas estão disponíveis, o primeiro a ficar pronto é o Praia da Grama[12],

---

[10] Disponível em: Uma breve história de piscinas de ondas artificiais (surfertoday.com) . Acesso em 24 de abril de 2022.
[11] Disponível em : Piscina de ondas vira febre e Brasil está na rota de mais lançamentos (uol.com.br) Acesso em : 20/04/2022
[12] Disponível em: Praia da Grama – Muito mais que uma onda acesso em: 18/04/2022

localizada em Itupeva - São Paulo. O segundo empreendimento é a *Surfland*[13] que fica situado no município de Garopaba - Santa Catarina, ambos espaços são destinados ao uso exclusivo dos condôminos, as piscinas fazem parte de um complexo com diversos atrativos dentro desses condomínios, considerados de luxo. (TAVARES, 2021)

Enquanto o surf em piscinas se mostra ser para poucos, o que demonstra não "desafogar" o número de frequentadores nas praias nem diminuir a temida Crowd, o país se estabelece como potência mundial sendo o segundo maior consumidor da indústria, maior número de telespectadores, cinco títulos mundiais vindo de três atletas diferentes (Gabriel Medina[14] – três títulos mundiais, Adriano de Souza[15] – um título e Ítalo Ferreira[16] – com um título) além do primeiro ouro Olímpico (Ítalo Ferreira). Em pesquisa encomendada pelo IBOPE[17] em 2021 estima-se que no Brasil haja cerca de 3,7 milhões de praticantes 47% são mulheres e 45% têm entre 30 e 39 anos.

O Sebrae (2015) afirma que no Brasil as atividades econômicas ligadas ao Surf movimentem cerca de 2 bilhões de dólares, e que existam cerca de 30 mil empresas veiculadas ao esporte desde roupas, equipamentos, acessórios, escolas de surf e agências de viagem. Além disso no mesmo relatório de inteligência do Sebrae em 2015 estimava-se que já existia 2 milhões de surfistas no brasil; outro estudo revela que há 30 milhões em todo o mundo. O turismo se faz muito presente nesse cenário de surfistas, viagens e ondas.

No capítulo posterior será exposto a metodologia adotada na pesquisa, subsequente as relações do turismo e surf e as principais características do município de Matinhos no litoral do Paraná, isso inclui: atividade turística e informações geográficas, também será apresentado o universo do surf na cidade.

---

[13] Disponível em: Home - Surfland Brasil acesso em 18/04/2022
[14] Gabriel Medina campeão em 2014, 2018 e 2021. Fonte: WSL Word Surf League
[15] Adriano de Souza campeão em 2015. Fonte: WSL Word Surf League
[16] Italo Ferreira campeão em 2019. Fonte: WSL Word Surf League
[17] Disponivel em: Ouro de Ítalo Ferreira consolida domínio nacional no surfe, que tem 3,7 milhões de praticantes no Brasil – IBOPE Repucom acesso em: 25 de fev. de 2022.

3 METODOLOGIA

O presente estudo utilizou como estratégia para chegar aos objetivos propostos o estudo de caráter exploratório, que segundo Gil (2002) consiste em criar familiaridade com o problema ou objeto de estudo, a pesquisa exploratória proporciona o “aprimoramento de ideias” ou a “descoberta de intuições” (GIL, 2002, p. 41). As pesquisas exploratórias apresentam ao mesmo tempo conhecer um tema pouco pesquisado e que se tem como objetivo compreendê-lo (MARCONI e LAKATOS, 2011).

O delineamento escolhido para a pesquisa é a pesquisa bibliográfica e documental. Para Gil (1999) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em materiais já elaborados, utilizando livros e artigos científicos algumas obras são referentes a diversos gêneros literários e outros de divulgação cientifica e técnicos. A pesquisa documental auxilia no complemento da pesquisa bibliográfica pois a pesquisa documental difere da bibliográfica no quesito da natureza dessas fontes que não possuem um tratamento analítico e são consideradas, segundo Gil (2002, p.46) “diversificadas” e “dispersas”, mas complementam indagações visto que são importante fonte para dados de natureza histórica como o caso da presente pesquisa. Portanto foram utilizados materiais de divulgação científica como artigos, periódicos, teses e livros específicos de diversas nacionalidades como Portugal e Austrália e fontes de outra natureza como *blogs* com a temática do surf, revistas especializadas, materiais jornalísticos etc.

> Material utilizado para o fornecimento de dados nas pesquisas bibliográficas é constituído basicamente por livros e revistas impressos em papel ou veiculados por meio eletrônico. Já o material utilizado nas pesquisas documentais pode aparecer sob os mais diversos formatos, tais como fichas, mapas, formulários, cadernetas, documentos pessoais, cartas, bilhetes, fotografias, fitas de vídeo e discos (GIL, 2002, p.88).

A abordagem adotada para análise foi a qualitativa que versa, segundo Gil (2002, p. 133) “como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório”.

Como estratégia complementar, foram realizadas observações de campo no município de Matinhos no período de 2019 – 2022 em diversas épocas do ano

principalmente nos dias com registros de swell na costa, que foram registrados em fotografia.

Sendo assim esses foram os métodos, estratégias e ferramentas utilizadas para a construção da pesquisa que mais se adequaram aos objetivos elencados. O surf como tema ainda é pouco explorado e utiliza-se de fontes primárias e secundárias para preencher lacunas existentes na literatura científica. (GIL, 1999; GIL, 2002).

4 RESULTADOS

4.1 TURISMO DE SURF

Neste capítulo apresentaremos diversos conceitos de Turismo de Surf, suas implicações e tendências. Além disso o surf dentro do turismo se enquadra em diversos segmentos demonstrando sua versatilidade, esses segmentos serão mais bem denotados a seguir. Alguns autores afirmam a importância de proteger o meio ambiente e os picos de surf para o desenvolvimento do turismo e proteção na natureza, incluindo a criação de reservas de surf, tombadas como patrimônio natural. Especulações imobiliárias e obras de infraestrutura sem o planejamento adequado que considere a prática do esporte pode trazer danos parciais ou irreversíveis a qualidade das ondas. (REBELO, 2010; GORAYEB, 2003; BOSCO, 2017)

O conceito de Turismo de Surf é recente, Rebelo (2010) observa que alguns esforços surgiram com o fim de estudar mais os impactos nas regiões onde o surf se consolidou como atividade turística. Países como Austrália e Portugal estabeleceram no surf uma alternativa econômica e têm ampliado seus estudos sobre a influência e impacto do surf nas comunidades que estão inseridas (REBELO,2010). Rebelo (2010, p.3) afirma que “O turismo de surf, cuja matéria-prima é o mar, pode funcionar como alavanca na valorização de regiões costeiras”. Para o autor o esporte se desenvolveu a um nível internacional, fomentando consumidores praticantes e admiradores (telespectadores). Rebelo (2010, p.4) também destaca o esporte como “alternativa à sazonalidade” causada pelo uso balneário, pois em muitas regiões litorâneas a ondulação é bem mais constante nos meses frios, assim como acontece no litoral do Paraná e em maior parte da costa brasileira.

Embora se encontre ensaios que tentam definir o conceito de turismo de surf Rebelo (2010, p.22) comenta que sua definição não está “completamente estabelecida”. Em busca de uma conceituação Buckley (2002) foi o primeiro nesse sentido, o autor define como uma grande indústria, que engloba dois vetores: o lazer e o turismo, e é composta por três componentes de vendas: as roupas das marcas de surf, as pranchas e acessórios e as viagens de surf. Mais tarde, Flucker (2003) explora o conceito e acrescenta alguns termos, “este é um turismo que envolve pessoas a deslocarem-se para destinos domésticos por um período de tempo não superior a seis

meses, ou para um destino internacional por um período não superior a doze meses, que permanecem pelo menos uma noite, e onde a participação ativa no esporte de ondas (…) é a motivação primária na seleção do destino.”. Ou seja, o turismo de surf está relacionado com o deslocamento até um local de prática (*hot spot*) e o principal indutor motivacional é a ocorrência frequente das ondas propícias à prática.

Outro fator a ser considerado como motivação primaria é o *Crowd*, no surf o *crowd* consiste em um número alto de surfistas na água, isso requer do surfista uma maior atenção enquanto surfa as ondas, o risco de se machucar ou acabar atropelando alguém é muito maior, muitos surfistas também reclamam do clima de disputa o que pode gerar brigas entre locais e visitantes. Essas relações territoriais conhecidas como “localismo” são uma espécie de repelente para os surfistas, é sabido que nem todos os pontos de surf pelo mundo consistem num clima hostil e de tensão, algumas culturas têm uma maior hospitalidade com os visitantes, principalmente se for de um país subdesenvolvido e que tem o turismo de surf como principal fomentador econômico daquela região, ex: Costa Rica, Peru, México. (REBELO; CARVALHINHO, 2012; FORTES, 2011, BOOTH, 2015)

O surf pode ser considerado como um nicho mais ligado ao desenvolvimento sustentável e não é considerado como um turismo massivo. Além disso o esporte pode ser enquadrado em diversos segmentos como mostram Alcântara et al. (2012). Para os autores o surf pode ser considerado como Ecoturismo, Turismo de Eventos e Negócios, Turismo de Esportes e Turismo de Aventura. O surf pode ser considerado como Ecoturismo “apesar da complexidade” de sua definição devido a participação dos surfistas na preservação do meio ambiente, fomento da economia local e interação com a comunidade autóctone. Em Turismo de Eventos pode ser considerado através das competições com os campeonatos. No Turismo de Esportes compreende-se como “as atividades turísticas decorrentes da prática, envolvimento ou observação de modalidades esportivas” (ALCÂNTARA et al. 2012, p.97). Por fim o Turismo de Aventura que considera também os esportes radicais praticados na natureza de caráter recreativo e não competitivo (ALCÂNTARA et al. 2012).

Costa (2015) afirma que a facilitação das políticas de turismo integradas com o plano de desenvolvimento regional pode ser utilizada no marketing, especialmente o surf, o qual pode se beneficiar desses arranjos de segmentação. Para Costa (2015) o turismo de surf contempla o universo do *Lazer Sério* (*Serious Leisure*), caracterizado por seis qualidades elencadas como: Perseverança, Carreira, Esforço, Benefícios,

Ethos e Identidade. Sendo assim nessa perspectiva o segmento tem um elevado envolvimento na prática do surf dedicando tempo e esforço pessoal para obter benefícios próprios. O Lazer Sério se manifesta nas atividades de plena satisfação, existência e experiências, assim como o surf. (PORTUGAL, 2017)

O ato de viajar está intrínseco aos surfistas, e o turismo como atividade complexa e plurissetorial pode receber influência do setor da mídia, principalmente o de mídia especializada, Fortes (2011) conta que as revistas tiveram um protagonismo nesse cenário, no Brasil em especial a revista Fluir citada pelo autor a tiragem era muito maior se comparada às outras revistas de Surf, criada em 1983 em São Paulo, propagou destinos e acompanhou diversas competições. O principal ponto para Fortes (2011) é que o aspecto a ser considerado e observado nesses tipos de materiais é as viagens “em busca da onda perfeita”, jargão difundido em relatos e fotografias de lugares inóspitos cercados de ondas tubulares. Fortes (2011, p.13) “Define-se o ato de viajar em busca de ondas como a real encarnação do “espírito do surf”, o autor explica ainda que os relatos são classistas e excluem uma boa parte dos leitores, pois a maioria das viagens apresentadas dispõem de grandes recursos financeiros além de tempo livre.

> Enfim, trata-se de um despojamento por opção só disponível a quem tem boa situação econômica, ou aos que têm talento suficiente para serem convidados para viagens pagas por patrocinadores. (FORTES,2011 p.13)

Com isso podemos considerar a importância dos materiais editoriais na imagem prospectada do que vem a ser uma viagem de surf. Um outro exemplo examina a imagem turística que revistas estadunidenses (FIGURA 10) demonstravam em suas páginas na década de 1980 sobre o Brasil e o surf praticado aqui como mostra Fortes (2021) em um anúncio de excursão.

FIGURA 10 - Anúncio da excursão

Fonte: Revista Surfer, v. 23, n. 6, July 1982, p. 92. (Fortes, 2021)

Fortes (2021) discute como o Rio de Janeiro e o Brasil foram retratados em revistas de surf escritas na língua inglesa e publicadas no exterior. Em uma dessas edições da revista *Surfer* de 1982 um anúncio para uma excursão é promovido, o pacote inclui os campeonatos mundiais passando na África do Sul e pelo Brasil no Rio de Janeiro incluindo a “vida noturna exótica” dos cariocas enunciadas pela agência sediada no Havaí.

Em relação às Reservas de Surf essas foram criadas com o intuito de preservar as regiões costeiras e suas características originais que resultam em um pico para a prática de surf também chamados de *surf breaks*. A reivindicação em tornar esses locais protegidos são consequência de diversas obras na costa marítima que acarretaram a mudança na qualidade das ondas e em algumas localidades, fenômeno em que foi observada até a perda total da qualidade, e assim extinguindo o pico de surf. Também são considerados os aspectos sociais e culturais dessas regiões

no embasamento que argumenta a defesa desses ecossistemas que visam proteger um todo, que muitas vezes tem através do surf uma atividade que gere igualmente meios para subsistência (BOSCO, 2019; REBELO e CARVALHINHO, 2012). Guarda do Embaú em Santa Catarina é o único representante no Brasil com o título de Reserva Mundial do Surf ocorrido em 2016 pela *Save the Waves Coalition*, sediada na Califórnia. (BOSCO, 2019)

Apesar de o surf se mostrar como um recurso turistico em que seus praticantes aparentam ter uma maior consciência em relação à grande maioria dos turistas, não pode ser ignorado o fato da indústria do Surf e sua escalada no sentido da popularização trouxe impactos e influências nas regiões que o *point* de surf está inserido. Cabe ressaltar que o esporte nem sempre pode ser concebido como algoz, mas sim como conflituoso e polêmico em alguns destinos consolidados, exemplo disso é, segundo Ponting, McDonald e Wearing (2005) declaram em seus estudos sobre as Ilhas Mentawaii na Indonésia, que a indústria do surf (operadores, agencias, resorts e iates de luxo) trouxe pouco retorno à comunidade indígena local. Os nativos de Mentawaii vivem com cerca de 30 dólares australianos por mês e a taxa de mortalidade nas ilhas é de 6 mortes a cada 10 nascimentos (PONTING, MCDONALD E WEARING, 2005).

Booth (2015) comenta:

> O *crowd* ajudou a espalhar o localismo, um fenômeno majoritariamente reacionário no qual surfistas reivindicam direitos e privilégios sobre seu pico “de casa”, em detrimento daqueles que identificam como não-locais. Nos casos extremos de localismo, os “locais” assumem direitos inalienáveis. (BOOTH, 2015, p. 6)

O localismo presente em muitos picos de surf pode se tornar um empecilho para os visitantes, para Booth (2015) é necessário desenvolver uma ética entre os praticantes, o autor acredita que as relações entre visitados e visitantes devem ser mais bem estudadas e avaliar como elas têm ocorrido dentro da água nos mais diversos picos de surf. Booth (2015) também discorre que o comportamento agressivo também faz parte de surfistas visitantes contra outros visitantes, não limitando apenas aos locais como únicos territorialistas acirrados.

Com isso em trecho destacado Booth (2015, p.17) propõe, segundo Baker (2007):

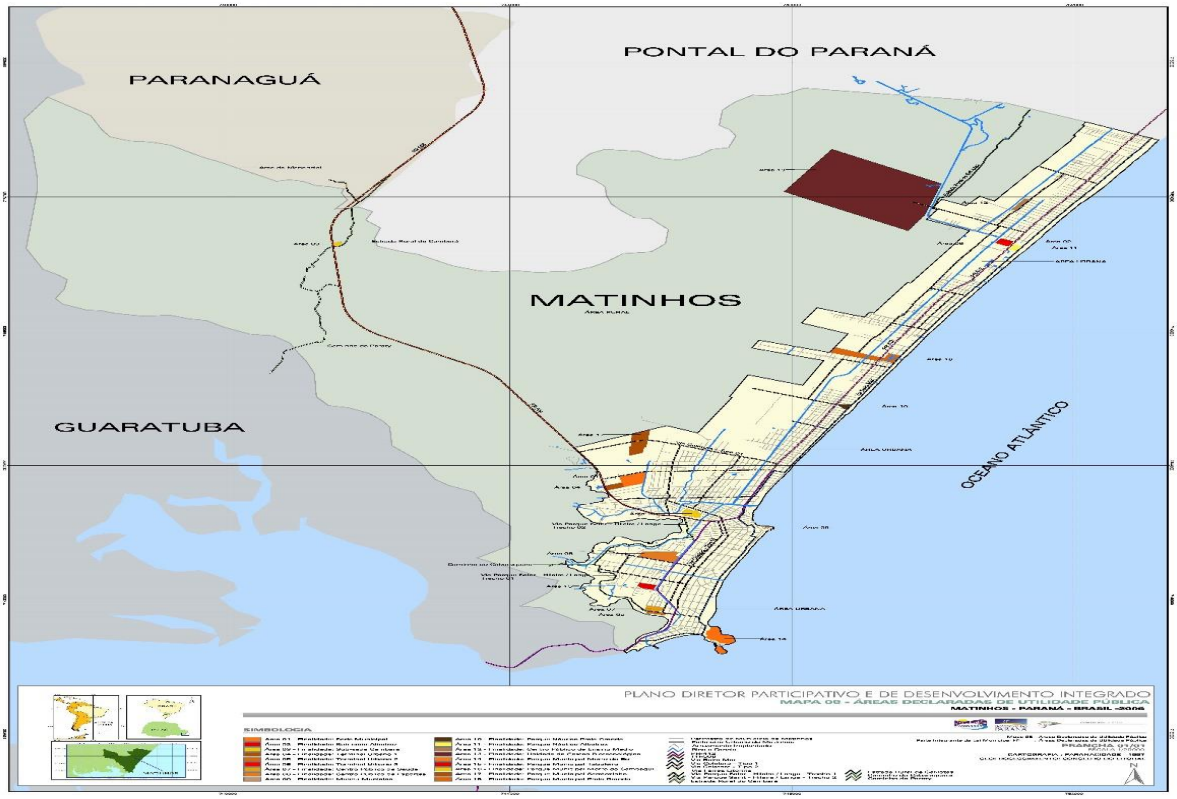
> Quando [a onda] é pequena, um jovem iniciante ou um veterano que voltou a surfar recentemente, ou um adulto amuado que caiu no mar para apaziguar um pouco da fadiga ou esgotamento emocional, poderia ter o dia salvo por uma boa descida. Surfistas experientes e habilidosos poderiam recuar e dar-lhes algum espaço, e experimentar algum prazer alheio com a alegria do iniciante. Quando tem seis pés e está perfeita, os surfistas experientes são aqueles capazes de aproveitar ao máximo as condições, e os aprendizes e menos competentes poderiam razoavelmente ficar fora do caminho e aprender com os talentos do surfista de elite (BAKER, 2007, p. 244).

Sendo assim podemos concluir que alguns fenômenos sociais decorrentes da prática do surf ainda não são de relevância nas pesquisas apesar de ser de suma importância conhecer como se dá essas relações turísticas e como está o nível de hospitalidade de uma região que abriga boas ondas para o surf. Aqueles que surfam cotidianamente em um pico podem ser mais bem estudados pois carece de informações sobre o comportamento praticado nos ambientes aquáticos especialmente no Brasil.

4.2 O SURF NA CIDADE DE MATINHOS: “A MELHOR DIREITA DO BRASIL”

O município praiano turístico de Matinhos (FIGURA 11) é uma cidade que tem na sua base socioeconômica as atividades ligadas ao turismo de sol e praia, este segmento tem como impacto a sazonalidade que influencia diretamente no ciclo econômico, social e ambiental (PDTIS, 2010). Buscando um desenvolvimento sustentável previsto no plano diretor as políticas públicas de meio ambiente e fomento do turismo para as cidades que se baseiam em apenas um segmento turístico correm maior risco de sentirem os efeitos negativos na comunidade local. Para que isso não se perpetue criar alternativas que se contraponham à época de verão e gerem movimento em outros meses é uma tarefa imprescindível para as cidades que detenham diversos atrativos, sejam ele naturais ou não. (ALCANTARA; MATIAS; ARAUJO, 2012). Matinhos, com sua vocação natural, anseia por essas novas perspectivas, e o surf pode ser mais uma alternativa de turismo sustentável e de engajamento da comunidade de surfistas locais.

FIGURA 11 - Mapa Do Município De Matinhos - PR



Fonte: Plano Diretor, município de Matinhos.

Segundo Nemes e Marone (2013) a costa marítima do Paraná está mais exposta aos eventos climáticos severos nas estações de outono-inverno-primavera, ou seja, esses sistemas meteorológicos (vento e chuva) como ciclones subtropicais, mais comuns nessa época pela costa do atlântico sul são os grandes formadores de *swells*[18]. Com isso podemos dizer que as ondulações são mais constantes nos meses frios, resultando uma alternativa de fomento das atividades ligadas ao surf nesse período. É importante frisar que as condições[19] para a prática do Surf como posição geográfica, clima, ventos e direção da ondulação devem ser consideradas, pois estas afetam a constância do fenômeno na costa, outrora, a característica de efêmero, singular pode também ser substrato para tornar o local mais atrativo devida a sua raridade e qualidade. (FIGURA 12)

---

[18] Swell é a formação de ondas a partir de tempestades marítimas que chegam a costa e são ideais para a pratica do Surf, em muitas regiões da costa brasileira esse fenômeno é imprescindível para que haja ondulações “surfáveis”.

[19] 8 fatores que prejudicam as ondas brasileiras (redbull.com)

FIGURA 12 – Surfistas aguardam no *point break* o melhor momento para entrar no mar, um dia clássico de *swell*.

FONTE: Acervo pessoal (2021)

Sendo assim as opções de locais para a prática do surf como o Pico, tem como característica sua singularidade: um fundo de pedra, que forma uma onda mais longa, esse tipo de fundo tem a peculiaridade de existirem poucos na costa do Brasil[20], contudo ele depende das fortes ondulações para funcionar para os surfistas. O mar "clássico", pode atrair surfistas visitantes e sediar campeonatos de médio e grande porte se inseridos num calendario favorável a esses *swells*. Bonatto (2017) afirma que o surf pode ser uma alternativa frente aos outros tipos de turismo em Matinhos, a autora explica que os campeonatos podem ser uma primeira investida para melhorar o segmento.

No surf existem duas perspectivas para o surfista enquanto a direção da onda. Pereira (2015) explica:

---

[20] Disponível em: 8 fatores que prejudicam as ondas brasileiras (redbull.com) Acesso em: 26 de fev. de 2022.

> Direita é a onda que na perspectiva de quem está na praia, vai para o lado esquerdo, mas como a designação é da perspectiva do surfista, do mar para a terra, ela tem este nome. (PEREIRA, 2015, sem paginação).

O esporte tem outra característica, que é o posicionamento da base com os pés na prancha (FIGURA 13). No esporte cada indivíduo tem sua própria base, os que usam o pé direito na frente são chamadas de *goofy*, enquanto o pé esquerdo é conhecido como *regular.* Essa peculiaridade - também presente no skate, resulta em uma preferência do surfista pela direção da onda conforme seu "estilo de surf", teoricamente falando a onda de direita é mais fácil para o *regular*, pois esse surfista fica de frente para a onda. Porém não se limitando a isso tanto o *goofy*, como o *regular* podem surfar qualquer direção de onda conforme suas habilidades.

FIGURA 13 – Atleta paranaense Jihad Khodr demonstra a base dos pés na posição *Regular*, enquanto surfa "uma direita" no Pico de Matinhos.

FONTE: site waves.com, registro de Jhesus Eduardo, 2016.

Durante a condução da pesquisa, notou-se em sites e revistas específicos, que criam conteúdo sobre o surf e que muito frequentemente o título da matéria se utiliza de expressões como: "um paraíso de direitas", "a esquerda mais perfeita do Pacífico", "a melhor direita da Austrália" etc. Isso gera, no âmbito turístico, substrato para fomentar um atributo a aquele lugar e demonstra que vale ao praticante acrescentar na sua lista de ondas perfeitas (COSTA, 2015; FORTES, 2011).

Recapitulando, com essa característica o Pico de Matinhos tem grande potencial como atributo de escolha de um pico (*spots,* ou *surfbreaks*) para o surf com esses aspectos (COSTA, 2015). Além disso, o fundo de laje de pedra (FIGURA 14) um dos poucos pelo litoral brasileiro torna esse espaço mais valorativo.

FIGURA 14 – Surfista apanha onda nas Direitas do Pico de Matinhos em um dia de *swell*, o fundo de formações rochosas ou “laje de pedra” contribui para a formação da onda.

FONTE: acervo pessoal (2022)

No fundo (FIGURA 15) a paisagem é cercada pelas montanhas do Parque Nacional Saint Hillaire-Lange, incluindo o Morro do Escalvado. Já dentro do mar é possível avistar a Praia Brava, Mappin, Morro do Boi no sentido sul do litoral paranaense, e contemplar no sentido norte uma planície litorânea que se estende até a Ilha do Mel – cerca de 40 km de praias.

FIGURA 15 – Mirante do Pico de Matinhos, vista para a Serra da Prata e o Parque Nacional do Saint Hilaire Lange.

Fonte: Acervo pessoal (2022).

Também é importante salientar que o município detém outras praias e/ou picos para a prática do surf, Praia Brava, Mappim, Atoleiro (Balneário Riveira) e outros balneários como o Bal. Flórida que são bem conhecidos pelos surfistas da região, destaque para a Praia Brava (FIGURA 16), localizada ao lado do Pico de Matinhos, que durante o calor do verão suas areias ficam lotadas de banhistas.

FIGURA 16: Praia Brava de Matinhos em um dia de “boas ondas”.

Fonte: Instagram. Julio Bazanella, 2019.

Para o campeão mundial Adriano de Souza21 o “mineirinho”, a Praia de Matinhos tem uma das melhores ondas para a direita do brasil. Outros web sites de dicas de turismo indicam o município de Matinhos e o Pico como ideal, e um dos melhores lugares para se surfar em relação à qualidade de ondas. O MTur22 (Ministério do Turismo) elencou as melhores praias para praticar o surf, a cidade de Matinhos com o Pico de Matinhos foi eleita uma das melhores. No estado do Paraná também foi citada a Ilha do Mel com destaque para as praias de Paralelas, de Fora e Praia Grande. O atlas dos Esportes no Brasil, dentro do capítulo de Esportes Radicais (BITENCOURT et al., 2006), traz o surf e elenca Matinhos como um dos melhores locais para surfar no Brasil, no estado do Paraná a Ilha do Mel e Guaratuba fazem parte da lista.

Sadoski (2012) buscou conhecer a percepção ambiental dos praticantes de surf em Matinhos, foi considerado surfistas residentes e visitantes na amostra da pesquisa. A autora concluiu que a maioria dos indivíduos são do sexo masculino (84%)

---

[21] Disponível em : Campeão mundial fala as melhores praias para surfar e cita Itacaré (vocenaonda.com) Acesso em: 08 de abril de 2022.

[22] Disponivel em: Os melhores destinos para a prática do Surfe no Brasil — Português (Brasil) (www.gov.br) Acesso em: 08 de abril de 2022.

e 16% o público feminino, demonstrando ser um esporte com predominância masculina, a idade variou de 16 aos 49 anos. Bonatto (2017) afirma que o Turismo de Surf no município a maioria dos surfistas visitantes são provenientes de Curitiba ou regiões próximas, possuem poder aquisitivo alto "*cash-rich*", pouco tempo para viajar "*timer-poor*".

A história[23] do surf em Matinhos[24] se inicia com Tadeu Glichinski, que por volta da década de 1960 fabricou sua própria prancha utilizando a madeira como material. Com o passar dos anos e a popularização dos materiais que confeccionam as pranchas de surf o número de surfistas cresceu. O primeiro atleta paranaense a competir a nível profissional foi Jamil Gonçalves, com destaque também para Claudia Lupion e Carla Clausi sendo as primeiras mulheres a se aventurar nas ondas de Matinhos. Já na década de 1990 e início dos anos 2000, Peterson Rosa se destaca no cenário nacional se tornando campeão brasileiro e vencendo diversas etapas do circuito mundial. Mais tarde, Bruna Schmitz e Peterson Crisanto atingem grandes feitos e repercussão no universo do surf. Uma nova geração[25] de surfistas *grommets*[26], disputam os campeonatos juvenis[27], é o caso de Anuar Chiah, Lucas Camargo, Luara Mandelli e Gaby Vasque e Zezinho Sanson.

Considerando os aspectos aqui elencados, compreende-se que o município de Matinhos já é conhecido no universo do surf, e entende-se que é considerada um destino de surf, embora seu potencial ainda não seja bem aproveitado pela comunidade local e visitantes que compartilhariam dessas melhorias na qualidade de vida.

Na próxima parte encerramos a pesquisa com os principais aspectos observados durante a condução da mesma.

---

[23] Disponível em: Blog na Rede: HISTÓRIA DO SURF PARANAENSE !! (portalblognarede.blogspot.com) acesso em 10 de abril de 2022.
[24] Disponível em: Cultura de Matinhos: SURF DE MATINHOS - SEIS DÉCADAS DE HISTÓRIA. Acesso em 10 de abril de 2022.
[25] Disponível em: Nova geração mantém Matinhos em destaque no surf – Correio do Litoral acesso em: 10 de abril de 2022.
[26] ***Grommets***: nome dado as crianças e adolescentes que surfam.
[27] (423) A máquina de ondas perfeitas no Paraná | Pico de Matinhos - Que onda #7 - YouTube

5 CONSIDERAÇOES FINAIS

Os principais resultados obtidos na pesquisa permitiram alcançar os objetivos propostos, devido à carência de fontes referente ao tema específico optou-se por uma estratégia que utilizasse diversas fontes. O material consiste em livros, teses, monografias, artigos, periódicos e publicações institucionais, além disso foi utilizado matérias jornalísticas em sites especializados ou não em esportes, blogs, podcast e acervos digitais.

Com isso podemos concluir que o Turismo está presente no desenvolvimento do surf moderno, a concepção e o ideário mudaram sobre a praia, a qual por muitos séculos teve sua imagem retratada como um lugar pujante, sombrio e perigoso, tornou-se símbolo de saúde, bem-estar e lazer (CORBIN, 1989). O surf enquanto *He'enalo* teve na cultura havaiana uma maior atribuição de simbologias e valores, e com favoráveis condições climáticas se tornou palco do início do surf moderno, a cultura retratada na literatura e o processo de urbanização do Havaí no início de 1900, incluindo os primeiros hotéis com a temática do surf como o *Moana Surf Rider* , ainda que limitado apenas aos que poderiam viajar na época. O exímio nadador e tri campeão olímpico Duke Kahanamoku durante o auge de sua fama exibiu o surf para o mundo incentivando novos adeptos. A Califórnia foi o maior símbolo dessa nova subcultura incorporando os valores havaianos com os ocidentais.

O surf se modificou, e criou um status novo, agora institucionalizado com milhões de praticantes e seguidores, a expansão do turismo nesse sentido pode ser notada com o aumento de publicações que estudam os efeitos dessa prática em localidades onde o surf existe.

As principais observações acerca da definição de turismo de surf é que pode ser considerado como o deslocamento para a prática do surf fora da residência habitual, onde a principal motivação seja surfar, e com distância mínima de 40 km, e o período superior a 24 horas e inferior a 6 meses. Consideramos que muitos surfistas se enquadram na definição de excursionistas pois a permanência é de apenas um dia o que alguns surfistas chamam de bate-volta. Assim podemos encontrar referência nessa característica na descrição de Bonatto (2017) em que os surfistas em Matinhos são "*time poor*" (têm pouco tempo livre).

O surf não foi considerado como um turismo massivo, e foi muitas vezes apontado com um tipo de turismo sustentável, e que traz mais benefícios do que

malefícios em muitas regiões que está inserido. Entretanto alguns apontamentos expuseram os desafios da atividade turística do surf. A ameaça aos ecossistemas costeiros como construções, obras que alteram as características geográficas naturais e prejudicam a formação das ondas causando uma perda na qualidade e em alguns casos até a extinção, isso pode resultar na diminuição do fluxo de surfistas visitantes prejudicando o setor de serviços que atendem esse tipo de turista, além de não considerar a cultura do surf nessas localidades e por isso não se considera ser uma prática sustentável. É o caso da obra realizada em Portugal nos Açores – Na Vila de Rabo de Peixe, que foi extinguida por um molhe e uma marina, o que acabou afetando a economia de uma das regiões mais pobres da Europa.

Outro desafio encontrado foi em relação ao *Crowd*, o crescente aumento de surfistas resultou em uma lotação, pode-se dizer que em muitas regiões existem mais surfistas do que ondas surfáveis. O localismo também pode ser considerado como desafio, as relações entre visitantes e visitados pode ser mais bem estudada, avaliar a receptividade e hospitalidade para então propor ideias que ajudem a fomentar o esporte e o turismo conforme as necessidades de cada comunidade, poucas pesquisas abordam essa temática mais social.

Do mesmo modo a ausência de uma legislação que reconheça, fomente e planeje a atividade turística do surf dificulta o seu aprimoramento. A popularização do esporte tomou grandes proporções, os surfistas como grupo cultural e tendo o turismo na base da prática exige uma atenção das políticas publicas de turismo, o esporte pode ser considerado como patrimônio cultural e está inserido nos ecossistemas costeiros que são protegidos pela União (governo federal).

A cidade de Matinhos com seus recursos naturais e sua vocação para o surf ainda ensaia o significado, a dimensão e proteção desse recurso. Uma cultura surfista já está estabelecida, entretanto pouco se sabe sobre suas dinâmicas e influências na comunidade local e no turismo. Está é uma discussão que está aberta aos futuros pesquisadores.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Felipe Ribeiro de; MATIAS, Esdras Matheus; ARAÚJO, Rosalma Diniz. SURFING TRIPS: SEGMENTAÇÃO DO TURISMO E ASPECTOS MOTIVACIONAIS DO SURFISTA. **Revista Iberoamericana de Turismo: RITUR,** Penedo, v. 02, n. 01, p.93-107, 2012.

BITENCOURT, Valéria; AMORIM, Simone; ANGÉLICA, Joana; NAVARRO, Patrícia. Esportes Radicais/ Surfe. **Atlas do esporte no Brasil**. RIO DE JANEIRO: CONFEF, 2006.

BOSCO, Yan Ribeiro et al. **Proteção Jurídica dos Surf Breaks e o Ativismo do Surfista na Proteção Ambiental**. Monografia em Direito. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

BOOTH, Douglas. **HISTÓRIA, CULTURA E SURFE: EXPLORANDO RELAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS**. Revista Recorde, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 1-24, jan./jun. 2015.

BONATTO, Juliana Gama. **Turismo de surfe e desenvolvimento sustentável:** um estudo de caso de Matinhos, Paraná. 2017. 67 p. Monografia (graduação) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas Curso de Graduação em Turismo. Disponível em: http://hdl.handle.net/1884/62964. Acesso em: 29 abr. 2022.

COSTA, Ana Cristina Potugal. Turismo de Surf e Serious Leisure: **Relação entre as qualidades do Serious Leisure, os comportamentos de viagem e atributos de destino de surf**. Tese de Mestrado. Instituto Politécnico de Coimbra, 2015.

DACOSTA, LAMARTINE (ORG.). **Atlas do esporte no Brasil**. RIO DE JANEIRO: CONFEF, 2006

FINNEY, B.; HOUSTON, J.D. **Surfing. A history of ancient hawaiian sport**. Honolulu: Pomegrat artbooks, 1996.

FLUCKER, Martin (2003). **Riding the Wave: Defining Surf Tourism**, CAUTHE Working Paper, Victoria University, Austrália.

FORTES, Rafael. **O Waimea 5000 em revistas californianas (1976-1982)**. História (São Paulo), v. 40, 2021.

FORTES, Rafael. **Representações de viagens e da busca da onda perfeita na mídia do surfe**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

FORTES, Rafael**. Surfe, política e relações internacionais**. 2017. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 453-456, maio/ago. 2017. www.revistatopoi.org

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: ATLAS, 2002.

GORAYEB, Marco Antônio. **O surfista como ator no processo de construção da Sustentabilidade**: uma proposta participativa. 2003. 160 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

KAMPION, D.; BROWN, B. Stoked. **Uma história da cultura do surf**. Lisboa: Difel, 1998.

LOHMANN, Guilherme.**Teoria do turismo: modelos, conceitos e sistemas** / Guilherme Lohmann, Alexandre Panosso Netto. 2. ed. ampl. e atual. São Paulo: Aleph, 2012. (Série turismo)

LUERAS, L. **Surfing. The ultimate pleasure**. Honolulu: Emphasis international, 1984.

NEMES, Douglas Duarte; MARONE, Eduardo. CARACTERIZAÇÃO DAS ONDAS DE SUPERFÍCIE NA PLATAFORMA INTERNA DO ESTADO DO PARANÁ. **Boletim Paranaense de Geociências**, [S.l.], v. 68, jun. 2013. ISSN 0067-964X. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/geociencias/article/view/26022/20475>. Acesso em: 25 abr. 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia Científica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

Organização Mundial do Turismo. (2001). **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca.

PEREIRA, Adilson. **500 Metros de Onda**. Tribuna do Paraná, Curitiba, 31 de ago. de 2015. Disponível em <https://www.tribunapr.com.br/arquivo/feras-do-parana/parapeterson-matinhos-tem-a-melhor-direita-do-brasil/> Acesso em: 15 de julho de 2019.

PDITS – Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável, 2010. Disponível em: <http://www.turismo.pr.gov.br/arquivos/File/setu/pdf/institucional/PDTISProdutoLitoral.pdf> Acesso em: 10/03/2022.

PORTUGAL, Ana Cristina et al. **Caracterização dos turistas de surf em portugal: "lazer sério", comportamentos de viagem e atributos de destino**. Exedra: Revista Científica, n. 2, p. 106-124, 2017.

PONTING, Jess; MCDONALD, Matthew; WEARING, Stephen. De-constructing wonderland: Surfing tourism in the Mentawai Islands, Indonesia. **Loisir et societe/Society and Leisure**, v. 28, n. 1, p. 141-162, 2005.

PONTING, J., McDonald, M. and Wearing. Desconstruindo o País das Maravilhas: Surfando Turismo na Indonésia" Sociedade e Lazer 28(1), pp. 141-162, 2005. [tradução nossa]

PODCAST UNESP: Entrevista com o professor e pesquisador sobre a obra "**Mar y Olas – Rito y Deporte**". [Locução de]: Enrique Amayo Zevallos. 09 de março de 2016. *Podcast*. Disponível em: https://podcast.unesp.br/9110/enrique-amayo-zevallos-entrevista-2522 Acesso em 21 de outubro de 2019.

REBELO, Carlos. **O perfil do turista praticante de surf em Peniche**. 2010.

REBELO, Carlos; CARVALHINHO, Luís. Turismo de surf. Perceção das potencialidades de Peniche como destino de surf. In: **Conference Paper**. 2012.

RIBEIRO, Alexandre Guilherme. **Uma História Social do Surfe**. Monografia em História. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2003.

SADOSKI, Larissa. **A Percepção ambiental pela ótica de praticantes de surf no município de Matinhos**. Universidade Federal do Paraná. Trabalho de conclusão de curso. Matinhos. 2012.

SANTOS, Marivan Tavares. **dos Fundamentos de turismo e hospitalidade** / Marivan Tavares dos Santos. – Manaus: Centro de Educação Tecnológica do Amazonas, 2010

SEBRAE. **Relatório de Inteligência Setorial do Turismo**. O Aquecimento do Mercado da Surf no Brasil. Maio de 2015.

SEBRAE. **Relatório de Inteligência Setorial da Moda**. Moda *Surfwear. O Surfe* como oportunidade para empreendedores. Março de 2016.

TAVARES, André. SURF RANCH E AS PISCINAS DE ONDAS. O SURFE MODERNO TAMBÉM ESTÁ PASSANDO POR UM PROCESSO DE "ARENIZAÇÃO"? **Esporte e Sociedade**, n. 32, 2021.